

# Tire a roupa

## Take It Off

UMA NOITE, NO FINALZINHO DO INVERNO, eu estava me arrastando para o ponto de ônibus depois de mais um dia entediante na agência como uma esplêndida digitadorazinha de merda. Passei por um desses bares enfurnados na avenida Hennepin, em que as garçonetes trabalham com os peitos de fora (até os bares de topless discretos brilham como foguetes vermelhos), e prestei atenção na marquise, onde normalmente estava escrito: NOITE AMADORA \$200 (e às vezes também CIDADE DA DIVERSÃO, do que eu discordava). Eu tinha uma tendência a passar correndo em frente ao Skyway Lounge, como se sua aura molecular pudesse me contaminar incuravelmente com piolhos genitais.<sup>2</sup>

A frase “Noite Amadora” (relacionada ao striptease) sempre formou uma imagem muito específica na minha cabeça: eu via uma bêbada de pernas tortas cambaleando pelo palco da boate de strip, com sapatos altos e surrados de dama de honra, enquanto o marido a estimula com um maço de cigarros light: “Vamos lá, querida! Seus cigarros estão aqui! Só mais uns passos e as duzentas pratas são nossas!” Stripper é uma profissão que parece superglamorosa, mas a idéia de tirar a roupa no circuito amador me desesperava tanto quanto uma cidadezinha do interior do Texas.

Ainda assim, eu estava curiosa. Só havia entrado num bar de strip uma vez em Chicago. Era um estabelecimento que não podia vender bebidas alcoólicas, sombrio e sem graça, dirigido pela máfia russa. Senti pena das garotas perambulando

---

<sup>2</sup> Aliás, quando estive uma vez em Los Angeles, passei por um bar chamado Seven Veils, e um cara muito nojento surgiu das sombras. Ele assobiou para mim — um som de barata —, e eu fugi com meus tênis patéticos e pesados de doente.

de mesa em mesa, suas bocas abertas em meios sorrisos, como belos cadáveres. Meu companheiro e eu compramos uma lap dance cada um, aquele lance em que as garotas dançam e se esfregam diretamente no cliente, e trocamos cômicos olhares de animação e pânico enquanto as strippers giravam passivamente sobre nossas respectivas virilhas. Minha stripper, uma garota andrógina de cabelos raspados e com um vestido de látex, era uma fonte indiferente e ineficiente de calor. Quando ela se inclinou para a frente e abriu a bunda para me mostrar o olho do cu, eu disse: “Gostei das suas botas.” Desde então, a experiência ficou gravada na minha tenra cabecinha, e tentei me imaginar nua naquele salão cheio de espelhos e com cheiro de bunda. Eu não conseguia. Eu era uma legítima idiota.

Suponha que eu conseguisse reunir um pouco de desembaraço e entrasse no Skyway Lounge: mesmo se tivesse coragem para tirar a roupa por diversão, sabia que teria que dar satisfações a um pequeno mas reprovador círculo social feminino. A maioria das garotas que eu conhecia odiava strippers com a mesma fúria reservada a estupradores em série. Elas usavam “stripper” como um adjetivo para desprezar qualquer coisa estúpida, nojenta ou repugnante. Por exemplo: “Esses sapatos são coisa de stripper, Jen. Melhor você comprar outros.” Ou: “Kyle me dispensou por alguma puta stripper que faz compras em lojas de varejo.” Uma garota típica do meu grupo de amigas preferiria tirar as cutículas com gilete a permitir que seu parceiro fosse associado a garotas peladas. Essa paranóia era reforçada por histórias sensacionais de namorados que tiveram seus membros emporcalhados por strippers de cidadezinhas de Minnesota, como Bemidji e Mille Lacs. Pouco importava se aquilo era pago e de livre e espontânea vontade: era totalmente culpa da stripper ousar divertir um pênis que havia sido tão difícil de ser conquistado por outra garota. Além disso, muitas strippers tinham silicone nos peitos, o que era considerado uma traição

à mulher e algo completamente impraticável dado o clima local. Uma amiga minha pensou em voz alta certa vez: “Eles não *congelam*? Não consigo, por exemplo, me imaginar pescando com os peitos cheios de gelatina.”

Qualquer que seja a razão, nunca tive essa clara hostilidade em relação às strippers. Elas eram simplesmente as dançarinas de outrora, as garotas dos bares de hoje em dia, com superpeitos. Ouvi falar que as strippers eram extremamente bem recompensadas pela atenção concedida, então era meio difícil acreditar que havia um verdadeiro interesse em roubar o namorado, o marido ou o caso de alguém. Para mim, as strippers, mesmo as mais safadas que faziam boquetes, na verdade, só estavam faturando uma grana extra. Além disso, eu secretamente imaginava todas as strippers como membros de uma irmandade muito unida, que compartilhavam piadas picantes engraçadíssimas nos bastidores, trocavam fantasias, bebiam gim e cuidavam dos bebês das outras em noites de folga. Essas mulheres, que desfiliavam peladas na frente dos homens, de forma alguma poderiam ser traidoras detestáveis. Elas deviam ser muito apegadas umas às outras por causa de sua vulnerabilidade; de que outro jeito poderiam sobreviver em meio às mandíbulas salivantes de homens estranhos?

Parada do lado de fora do Skyway Lounge, me encontrei afogada naquele mar de janelas com blecaute. Meu coração batia nas minhas costelas como um rock muito rápido e pesado. Eu queria estar lá, fazendo parte daquele grupo brilhante de mulheres que sabiam o que aguardava por elas mas metiam a cara de qualquer jeito. Não me importava se eu era namorada, filha ou quase madrasta de alguém, ou mesmo se era a porra da digitadora de alguém. Eu queria me abrigar na escuridão úmida e quente, a salvo da claridade ofuscante da neve, da papelada do trabalho e das pastas de arquivo que cortavam a palma de minhas mãos. Eu queria marchar rumo à espelunca

do topless e me expor aos seguranças sombrios, invernais em seus casacões e capuzes assustadores, que entravam e saíam em intervalos regulares. Então, respirei fundo várias vezes e entrei lá como uma perfeita idiota.

Sinceramente, não consigo ler uma autobiografia sem ter uma visão clara de como o autor era fisicamente em cada estágio da narrativa. Então, aqui vai: uma garota entra num bar enfiada em roupas de lã, como qualquer habitante equilibrado de um estado que faz fronteira com o Canadá, e onde chove granizo em qualquer cabeça descoberta. Eu era magricela (nós neuróticas geralmente somos assim), mas pálida e molenga, típico de alguém que gosta de computadores e não de esportes pesados. Meu cabelo escuro estava cortado como uma cuia, minhas unhas eram luas minguantes roídas, e minha maquiagem já tinha saído horas antes. Eu estava a dois mil anos-luz de uma Pamela Anderson no que diz respeito a ser uma stripper chique convencional.

— Oi — disse o porteiro, um cara velho, gordo e grisalho, do tipo que você espera ver como vigia de um bar de strip. Parecia que ele tinha administrado uma loja de consertos de barcos até Betty Anne se divorciar dele e, bem, você sabe como essas coisas são...

— O que você quer? — perguntou-me ele por entre seus bigodes cinzentos. Seus beijos deviam ter gosto de batata frita sabor bacon ou de cabeça de camarão. Algo grosseiro e salgado.

— Eu queria me inscrever para a Noite Amadora.

— Ah, é? — respondeu ele, completamente incrédulo. Essa foi a primeira vez (mas definitivamente não a última) que alguém deixou claro que eu não parecia nada com uma stripper.

— É — disse eu, desafiando-o. *É, eu quero tirar minha roupa, seu gordo!*

O Grisalho olhou para minha saia longa de retalhos e para meus sapatos acolchoados furrecas. Eu parecia uma professora convidada de uma faculdade para mulheres do interior ou de uma conferência para transexuais.

— Você *realmente* acha que pode subir aqui e tirar a roupa?

Ele apontou para o palco, onde uma latina gostosona se pendurava num poste de ferro, girando para mostrar uma cicatriz de cesariana, vermelha como um salmão. Olhei a dançarina durante um tempo e admirei seus sapatos de plataforma salto 12, sólidos o suficiente para abrigar um cardume de peixes beta em cada uma de suas solas transparentes. Lição número um: Até uma garota que acabou de parir pode ser glamorosa com os sapatos certos. Eu guardei aquele visual na memória.

— É claro — disse eu. — É óbvio. Sou exatamente o tipo que você está procurando.

— Você pode me mostrar o seu corpo? — perguntou o Grisalho de um jeito sacana.

Suspirei, deixando para trás a primeira de muitas barreiras do meu ego, enquanto tirava meu casaco de inverno comprido e revelava o meu (totalmente vestido) corpo. Eu era uma garota riponga, com o corpo parecido com um baixo, mas aceitável. Não tinha nenhuma cicatriz recente ou um cromossomo Y, e meu sorriso perfeito testemunhara anos de aparelhos dentários durante meus puros e inocentes tempos de menina.

O Grisalho continuava em dúvida:

— Você pode me *mostrar*? — repetiu ele enfaticamente, seus mamilos masculinos sacudindo como tofu macio.

— Tipo um teste? Não tenho nada para vestir — murmurei. Ele esperava que eu trepasse com ele? Quero dizer, eu tinha visto milhares de filmes pornôs com cenas de “testes”. Sabia como a banda tocava e eu não ia montar no Grisalhinho em nenhum depósito isolado.

O rosto já enrugado do Grisalho ficou ainda mais enrugado, como uma máscara de carnaval vagabunda. Ele parecia profundamente irritado com a minha relutância de mulherzinha em tirar a roupa e cavalgá-lo como um cavalo campeão.

— Sim, como um teste.

— Eu não trouxe uma roupa de apresentação — repeti. — Não tenho nenhuma roupa especial. Só queria me inscrever na Noite Amadora. É na quinta, não é?

— É — disse o Grisalho, resignado. — Só apareça, então.

Saí do bar me sentindo desestimulada pela conversa cheia de indiretas com o Grisalho, mas comprometida com o meu plano bobo e idiota. Em casa, naquela noite, anunciei meu plano a Jonny, enquanto assistíamos ao seriado *Dr. Who*. Ele ficou surpreso com a idéia totalmente inesperada, mas gostou na hora. Sério, o cara não hesitou. Como se eu tivesse sugerido tomar sopa no abrigo para mulheres pobres ou praticar ioga, e não fazer strip num bar convenientemente localizado a menos de dois quarteirões de nossos locais de trabalho. Eu amo esse cara porque ele é bem porra-louca.

— Você vai à Noite Amadora do Skyway? Eu acho legal, sinceramente — disse Jonny. — Você *tem que* ensaiar na minha frente. Preciso ver que tipo de movimentos você pretende fazer.

— É uma pena você não poder estar de fato lá — disse eu. — É na quinta. — Geralmente, a filha dele dormia lá em casa às quintas, e eu não achava que meu showzinho deveria ser mais importante do que o tempo dele como pai. É o tipo de negligência paterna que pode resultar em terapia quinzenal.

— É... — disse Jonny, frustrado.

— Não se preocupe — disse eu, tranqüilizando-o. — Consi-go fazer isso sozinha. — Sinceramente, eu queria fazer aquilo sozinha. O strip, apesar de implicitamente público, me parecia algo estranhamente particular. Além do mais, se eu ficasse nervosa, escorregasse e caísse no palco, não queria fazer isso na frente do meu namorado gostoso da internet.



NA NOITE SEGUINTE, me arrastei pela neve até uma loja de roupas de strip no sul de Minneapolis. Contrariando a imagem de cidade das galochas fedidas, camisetas de banda e luvas acolchoadas, Minneapolis é o lar de pelo menos quatro lojas que atendem a sua população curiosamente grande de strippers. Essa em particular, cuja dona é uma ex-dançarina com tino para os negócios, não fingia ser uma loja de *lingerie*; era estritamente para strippers de todo tipo. Eu havia passado por lá algumas vezes no meu caminho para uma lanchonete e olhado a vitrine com as caixas de plataformas Ellie bem arrumadas,<sup>3</sup> as correntes de colocar no quadril pseudoturcas e vendedores gays vestidos com redes, tipo meias arrastão, que iam da cabeça aos pés. Naquele dia, suando em bicas no meu casacão, eu me dignei a realmente entrar.

As araras eram uma confusão de peças de lycra fluorescente, lantejoulas e estampas de animais; cordinhas, correntes e vários tipos de franjas pendiam dos trajes. Naquele lugar, uma garota podia ser tudo o que quisesse, da Cher à Cheetara dos Thundercats. Havia biquínis tão absolutamente mínimos que ocupavam um espaço negativo. Havia vestidos de preços exorbitantes em preto, rosa e laranja berante para aquelas que tiravam a roupa em cabarés e bares chiques. Havia araras cheias de tanguinhas e fios dentais que combinavam até com o modelo de roupa mais horrível. Inventei nomes para os conjuntos mais chamativos: “Tigresa com lantejoulas”, “Sinfonia em verde e ocre” e “Shine on your fake diamond”.

Tudo era incrivelmente pequeno. Senti que minha bunda gorda podia estragar mais aqueles trajes do que uma tesoura. Os vestidos já eram ruins o suficiente, mas as calças

---

<sup>3</sup> Uma marca de sapatos para strippers extremamente confortáveis: juro que os da Ellie têm uma curvatura melhor que os da Easy Spirits. Eu jogaria basquete com um Ellie se não tivesse um medo crônico de meus óculos serem esmagados.

molinhas de poliéster para strippers eram liliputianas. Juro que tive uma boneca chamada Cricket que usava calças maiores do que os tamanhos daquela loja. Infelizmente, eu precisava de algo maior do que PP para cobrir minha bunda gorda e flácida. Pretendia usar um top preto normal e uma minissaia de vinil que já tinha, então minha roupa de palco já estava pronta, apesar de meio capenga. Mas comprei uma tranqüilizadora calcinha preta resistente a puxões, um boá preto de plumas e plataformas Lucite rosa-shocking de salto fino dez com lantejoulas. Quando paguei os 45 dólares e saí da loja, me senti uma puta qualquer. Foi o melhor dia da minha vida.

Voltei ao meu apartamento, coloquei o disco *Hysteria*, do Def Leppard (um presente de dia dos namorados para strippers, se houvesse um), e ensaiei um caminhar sexy pelo apartamento. Treinamento de marcha. Eu não sabia qual era o jeito ideal de uma stripper se movimentar, então tentei visualizar uma participante de concurso de modelos e a estrela da propaganda Bobbi Brown. No vídeo da torta de cereja, Bobbi balança sua cortina de cabelo louro platinado, franze os lábios vermelhos, que parecem recheados com gordura de cadáver, e pega um pedaço de torta que caiu bem entre suas pernas. O cabelo, os lábios e o jeito espetacular de pegar a torta me faltavam, mas eu podia fazer beicinho, desfilar e bater as asas como o Mick Jagger, graças a anos de prática escondida. Um site que eu lia secretamente no trabalho me informou que as strippers deveriam se movimentar lentamente, mas eu tinha certeza de que os homens preferiam movimentos frenéticos sobre saltos altos a movimentos de peixe em estado de coma. Inocentemente, me assegurei de que sabia que era sexy. Ainda assim, senti que a falta de coordenação motora que me acompanhara durante toda a vida seria difícil de superar. Enquanto me sacudia da cozinha até a sala, meus tornozelos

trepidavam sobre os saltos estratosféricos, e apenas o tapete fofo parecia segurar meus passos. Eu me perguntei se sobreviveria à Noite Amadora sem esmagar meu cóccix e passar o resto da minha carreira de digitadora sentada numa almofada inflável em forma de anel.

## As dez melhores músicas para tirar a roupa

1. **Qualquer R&B dançante.** Essa categoria inclui a melhor música para striptease de todos os tempos: “Remix to Ignition”, do R. Kelly.
2. **“Purple Rain”**, do Prince, mas você tem que ser realmente teatral. Arqueeie suas costas como se o próprio Prince estivesse derramando *glitter* no seu abdômen. Tem mais efeito em lojas de suco quase vazias, que promovem uma atmosfera emocionante.
3. **“Honky Tonk Woman”**, dos Rolling Stones. Gera atitude. Faz até o troglodita mais desajeitado se mover como a Anita Pallenberg, que passou o rodo nos Rolling Stones. (Por outro lado, músicas da mesma época dos Troggs vão fazer você parecer ainda mais com um troglodita, então, evite se possível.)
4. **“Pour Some Sugar on Me”**, do Def Leppard. Os refrões gritados e a bateria eletrônica contínua são ideais para garotas que realmente sabem se mexer. (Coincidência: uma vez vi uma stripper que, como o baterista da banda, só tinha um braço.)
5. **“Amber”**, do 311. Esse leve hino dos maconheiros é uma das músicas favoritas dos chapados notívagos em buracos de strip de qualquer lugar. Tão suave que até a dançarina

mais chapada consegue dançar e voltar para seu *bong* sem problema algum. *Passa a batata frita, cara.*

6. “**Miserable**”, do Lit, mas principalmente porque a Pamela Anderson está no clipe, e ela é como Jesus para as strippers (loura, plastificada, capaz de transformar uma unha quebrada num carregador de bateria doméstico, *que fígado ferrado!*). Além disso, é impossível errar tirando a roupa com uma música cujo primeiro verso é “Você me faz gozar”.
7. “**Back Door Man**”, do The Doors. Quase fácil demais. A simples sugestão de que você gosta de tomar na bunda vai excitar o tipo mais comum de dono de bar de strip. Simplesmente fique de quatro e engatinhe rumo à primeira parcela do seu apê em Cozumel. (A menos que, como a maioria das strippers, você prefira gastar sua grana em carrões e bolsas caras.)
8. “**Back in Black**”, do AC/DC. O produtor Mutt Lange *quer* que você tire a roupa. Ele quer. Ele me disse.
9. “**I Touch Myself**”, do Divinyls. Tire a roupa com isso e aquele cara na grade com tetas de puta e óculos de nerd vai realmente acreditar que ele sozinho a inspirou a se masturbar. Pegue a grana dele, vá se masturbar e pense em outra pessoa.
10. “**Hash Pipe**”, do Weezer. Claro, parece coisa de nerd. Mas o vocalista Rivers Cuomo é obcecado por garotas asiáticas e cocaína, e esse é o espírito que você quer evocar num clube de strip. Recomendo usar suas habilidades mais loucas no poste com essa música.

## As dez piores músicas para tirar a roupa

1. **Aquela do Midnight Oil sobre aborígenes.**
2. **“Friday I’m in Love”, do The Cure.** O blabláblá sentimental do Robert Smith é ideal para fins de semana chorando do lado de fora do apartamento do seu ex-marido, mas é um desastre total para uma apresentação sensual no palco.
3. **“Hey Ya”, do Outkast.** Todo mundo ama essa música (porque é assumidamente superlegal), mas a maioria das strippers precisa cheirar muita cocaína para acompanhar aquelas batidas psicóticas. Além disso, ninguém quer se lembrar de brigas conjugais quando há uma bunda na sua cara.
4. **“Ice Ice Baby”, do Vanilla Ice.** Muito utilizada como “punição” por DJs passivos-agressivos que estão irritados com uma stripper em especial por dar uma gorjeta menor.
5. **“Girls”, dos Beastie Boys.** Mesmo que esta seja uma música popular entre os retardados esquisitões que odeiam bocetas e freqüentam clubes de strip, aqueles xilofones inevitavelmente acabam com o clima.
6. **Qualquer coisa da Britney Spears.** Você tem que ficar puta com uma stripper veterana do seu clube que aposta no

repertório da Britney desde 1998 e insistentemente coreografa danças para cada uma de suas músicas (até “Don’t Let Me Be the Last to Know”). Admita a derrota.

7. **Qualquer música do Eminem** sobre matar a mãe, tranquilizantes ou paternidade.
8. “**Elenore**”, dos Turtles. Sei que você adora esse *hit* fofinho dos anos 1960 desse grupo de Los Angeles, mas *resista!*
9. “**Hotel California**”, da terrível encarnação pós-country dos Eagles. Você vai deixar todo mundo irritado. Todas as strippers detestam o Joe Walsh, não sei por quê.
10. “**The More You Ignore Me, the Closer I Get**”, do Morrissey. Encoraja os perseguidores, e a última coisa que você quer é um Freddy Krueger aparecendo no seu trabalho diurno com um monte de cravos e uma .45 carregada.